



**Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao Wall Street Journal/Dow Jones & Company**

**Palácio do Planalto, 10 de março de 2009**

**Jornalista:** Senhor Presidente, o senhor descreveu os Estados Unidos como o país mais importante no mundo e o Brasil como o país mais importante na América Latina. Isso é bastante chamativo como publicidade para a próxima reunião que vai ter agora, no sábado. Quais são as suas prioridades para essa reunião com o Obama?

**Presidente:** Eu estou certo de que a prioridade da nossa conversa deve ser sobre a crise econômica. Não existe possibilidade de não ser uma discussão mais profunda e com conteúdo político muito maior do que econômico, sobre a questão da crise econômica. Eu, particularmente, estou convencido de que os Estados Unidos são o país mais importante do mundo porque é o país que tem a maior economia do mundo, o maior PIB do mundo, tem extraordinário conhecimento tecnológico, é o mais preparado do ponto de vista bélico. Portanto, tem todas as qualidades de um país que tem uma importância fundamental no mundo.

Obviamente que o Brasil é o país mais importante da América Latina. Acontece que Estados Unidos e Brasil, embora sejam dois grandes países do continente americano, são dois países que muitas vezes estiveram muito distantes. Nós temos uma boa relação comercial, nós temos muitos investimentos americanos aqui no Brasil, nós já temos muitas empresas brasileiras fazendo investimentos nos Estados Unidos. Mas do ponto de vista estratégico, do ponto de vista das relações políticas, o Brasil nunca foi levado muito em conta pelos Estados Unidos. Ou seja, os Estados Unidos têm sua prioridade estratégica com o México, os Estados Unidos têm sua prioridade



estratégica para combater o narcotráfico na Colômbia. E o Brasil é como se fosse um país grande e importante, mas que não é levado em conta nos fóruns internacionais. Na verdade, não merece, ou não mereceu, dos Estados Unidos o respeito que uma grande nação deveria merecer. Obviamente que há disposição dos Estados Unidos em ter uma relação preferencial com a China, há relação dos Estados Unidos com a Europa e com o Japão, porque os Estados Unidos têm uma visão também estratégica, do ponto de vista da segurança mundial, do ponto de vista do combate ao terrorismo, do ponto de vista, eu diria até, do debate ideológico, coisa que, no Brasil, isso é secundário para nós.

Eu penso que nos últimos anos, já do presidente Clinton com o presidente Fernando Henrique Cardoso, e depois, do presidente Bush comigo, eu penso que mudaram de patamar as nossas relações. Acho que o Brasil se fez respeitar mais. E o Brasil tem insistido em temas que são importantes, como a renovação do Conselho de Segurança das Nações Unidas, com os seus membros permanentes. Nós entendemos que é preciso mudar a geografia mundial, na questão da ONU, que é preciso mudar a geografia mundial na questão comercial, ou seja, é preciso levar em conta o continente latino-americano, levar em conta o continente africano.

Nós, então, adotamos uma política mais ousada, sobretudo com o continente africano, sobretudo com o Oriente Médio, sobretudo com a América Latina. E isso fez com que o Brasil passasse a ser um ator mais visível, um ator mais propositivo, que é o papel de um país que tem grandes possibilidades, que tem uma grande população, que tem boa tecnologia e que está vizinho de todo mundo. Nós temos a América Latina, em que quase todos os países fazem fronteira conosco, nós temos a África, que é só atravessar o Atlântico que nós estamos lá com eles. Então, eu acho que o Brasil se deu conta de que o Brasil precisaria fazer uma política externa mais ousada, mais forte. E isso permitiu que nós tivéssemos também uma conversa mais forte com os Estados



Unidos. Eu acho que hoje a relação está boa e, eu espero que, com o Obama, a gente possa melhorar infinitamente a relação Brasil-Estados Unidos e Estados Unidos-América Latina, como um todo.

**Jornalista:** Vamos falar dessa idéia da política externa brasileira mais ousada, mais forte. Especificamente, aquele primeiro ponto sobre a crise global. O que o Brasil vai querer na reunião como o presidente Obama e na reunião do G-20, em termos de respostas específicas à crise global?

**Presidente:** Tem algumas coisas que são extremamente importantes na conversa Brasil-Estados Unidos e todas elas com relação à crise econômica. Uma delas é, primeiro, não permitir a volta do protecionismo. No meu entendimento, qualquer protecionismo poderá, no curto prazo, parecer favorável, mas no longo prazo será uma lástima para os países e sobretudo para a economia global, levando em conta as necessidades que os países mais pobres têm de vender os seus produtos para os países mais ricos.

A segunda coisa que nós temos que tomar uma decisão é o restabelecimento do crédito mundial. Veja, se forem verdade os números do Banco Mundial, que nós temos uma deficiência de crédito de US\$ 700 bilhões e que há uma desconfiança generalizada nos consumidores europeus, americanos e japoneses, é preciso que a gente tenha uma ação política para restabelecer esse crédito, e quem pode restabelecer esse crédito com mais facilidade são os países causadores da crise. Eu estou falando dos países ricos, que têm mais dinheiro, que têm mais disponibilidade, que têm uma maquininha de produzir dólares, ou seja, que podem fazer as coisas com mais facilidade. Os países pobres não têm como contribuir com isso.

A segunda (terceira) coisa que eu acho importante nesse restabelecimento do crédito é o restabelecimento da confiança dos consumidores dos países desenvolvidos. Vamos analisar o seguinte: os



principais bancos americanos, que cinco anos atrás eram divulgados como se fossem as coisas mais perfeitas do planeta Terra, desmoronaram e, portanto, o povo perdeu a confiança no sistema financeiro. Como restabelecer a confiança no sistema financeiro?

O Brasil tem um exemplo bem-sucedido: nós temos alguns bancos públicos, não são bancos estatais. O Banco do Brasil não é estatal, é um banco público com ações no mundo inteiro. E esse banco é hoje o maior banco brasileiro. Nós temos a Caixa Econômica Federal, que é um banco que cuida de habitação, nós temos o BNDES, que cuida de financiamento. Esses bancos garantem, praticamente, 40% do crédito que funciona dentro do Brasil.

Eu penso que os países ricos - e aqui [não há] nenhum intuito de dar palpites no que cada governante tem que fazer - mas eu acho que os países ricos terão que pensar o que fazer com os bancos. Uma coisa eu sei: é preciso que haja uma fiscalização muito rígida nos bancos, que tiveram muita liberdade nessas últimas três décadas e, ao mesmo tempo, é preciso que a gente controle a capacidade de alavancagem desses bancos. Ou seja, não se pode permitir que um banco alavanque, de investimentos, muitas vezes o que ele não tem de patrimônio líquido, porque isso quebra.

**Jornalista:** Então, esse é um ponto que vai levantar no G-20?

**Presidente:** Esse é um ponto que nós temos que levantar no G-20.

**Jornalista:** Parece que os Estados Unidos e o Reino Unido estão resistindo às conversas sobre a regulamentação, sobre fiscalização?

**Presidente:** Se não tiver uma fiscalização do sistema financeiro, uma regulamentação forte, se não se cuidar dos paraísos fiscais - que na minha



opinião deveriam ser extintos-, qual é a confiança que você vai restabelecer na economia?

Ora, todo e qualquer cidadão é fiscalizado todo santo dia. Você, para vir para o Brasil, foi fiscalizado no aeroporto de Nova Iorque. Todo mundo é fiscalizado. Por que o sistema financeiro não tem que ser fiscalizado? Por que não se pode exigir que o sistema financeiro esteja altamente vinculado ao setor produtivo?

Nós não podemos mais permitir que aconteça o que aconteceu com o petróleo no ano passado e com as *commodities* agrícolas no ano passado. Ora, quando eu fui ao G-8, no Japão, eu levantei a tese de que o que estava causando a especulação no petróleo, o aumento do preço do petróleo, não era o consumo da China, era o mercado futuro que estava apostando fortemente no dólar, e o mercado futuro, que tinha saído do *subprime*, estava apostando nos alimentos.

Nós não podemos permitir que as pessoas ganhem dinheiro sem gerar um produto, sem gerar um terno, sem gerar um carro, sem gerar um gravador, sem gerar um livro. Por isso que o sistema financeiro tem que estar mais ligado ao setor produtivo. É um desafio, não é uma coisa fácil de ser discutida. Cada país tem a sua cultura, tem a sua história. Mas nós estamos diante de uma crise sem precedentes, que é uma crise, sobretudo, de desconfiança. Por enquanto, o povo está desconfiando do sistema financeiro. Se nós não acertarmos, o povo vai começar a desconfiar da política. E quando o povo começar a desconfiar da política, os políticos perderão a oportunidade de tomar as decisões.

**Jornalista:** O Presidente está sugerindo que os Estados Unidos adotem para si o sistema de bancos públicos que tem aqui no Brasil?



**Presidente:** Eu não estou sugerindo. Eu estou dizendo que no Brasil funciona, e funciona bem.

**Jornalista:** Os países ricos devem considerar o sistema...

**Presidente:** Eu acho que devem considerar. O que aconteceu nessa crise, de verdade? Essa crise... Eu comparo o papel do Estado como se fosse Deus. Você não é católico, é? É cristão?

**Jornalista:** Sou católico.

**Presidente:** Então veja: tem muito cristão que passa o ano inteiro sem acreditar em Deus. Quando ele tem uma dor de barriga, a primeira coisa de que ele se lembra é de Deus. Eu tenho um amigo que é um trotskista inveterado. Não acreditava em Deus em hipótese alguma. O carro dele capotou 20 metros, o primeiro nome que ele lembrou, não foi Trotsky, o primeiro nome foi Deus.

O que aconteceu com o sistema financeiro mundial? Eles, que eram todo-poderosos e sabiam de tudo, na hora em que veio a crise qual foi o primeiro nome que eles lembraram? Não foi Deus, foi o Estado. Eles foram pedir socorro ao Estado, que foi negado por eles durante 20 anos.

Eu, por exemplo, sou contra o Estado-gerente, eu sou contra o Estado-empresarial. Eu aprendi desde pequeno...Aqui no Brasil tem um ditado popular que diz “cada macaco no seu galho”. Ou seja, eu acho que o Estado tem que ser o indutor e o regulador das coisas que acontecem em um país. Esse é o grande papel do Estado. À vezes eu me pergunto: o que os líderes mundiais fizeram nesses últimos 20 anos no sistema financeiro? O Estado era negado, ninguém aceitava o Estado. O mercado regulava tudo e o mercado tomava conta de tudo.



Um cidadão que tem um mandato de quatro anos, se ele não assumir o papel político para o qual ele foi eleito, ele passa despercebido pelo mandato. Por isso que eu disse no congresso, no encontro da ONU: a hora é da política. Por exemplo, por que a Rodada de Doha não aconteceu? Nós nunca estivemos tão perto de fazer o acordo de Doha, como estivemos em outubro do ano passado. Acontece que tinha eleições nos Estados Unidos e os produtos agrícolas têm um peso eleitoral muito grande. Acontece que tinha eleição na Índia, agora está tendo eleição, e o negociador da Índia, obviamente que é de uma região agrícola muito forte. Então, depois de tudo certo, nós travamos na questão político-eleitoral, tanto da Índia, quanto dos Estados Unidos. Eu, pessoalmente,...

**Jornalista:** E da Argentina também.

**Presidente:** ... eu, pessoalmente, falei com o primeiro-ministro Singh, e pessoalmente eu falei com o Bush.

Na última vez em que eu estive nos Estados Unidos, eu disse ao presidente Bush com qual biografia ele queria terminar o mandato dele: se a única biografia dele seria a guerra do Iraque, ou se ele iria fazer o acordo da Rodada de Doha. O que aconteceu de fato? Além da guerra do Iraque, o fracasso da Rodada de Doha, e essa crise econômica, que não é do Obama.

**Jornalista:** Vai ser possível retomar a Rodada de Doha agora, com Obama?

**Presidente:** Na conversa que eu tive com o presidente Obama, ele me disse que gostaria de rediscutir a questão de Doha, e eu acho que nesse momento da crise, é o momento mais oportuno para a gente discutir a Rodada de Doha. É o momento...Nós precisamos aumentar o fluxo comercial entre os países. Então, nós precisamos facilitar o crédito e, ao mesmo tempo, facilitar o



comércio. Por isso eu sou contra o protecionismo.

**Jornalista:** Que tal essa idéia de “comprem americanos” ?

**Presidente:** Teoricamente, parece muito bonita. Mas se todos os países do mundo resolverem, agora, construir um muro em torno da sua economia, praticando o protecionismo, eu acho que nós tenderemos a ir mais para o caos do que para a solução.

Nós não podemos aceitar a idéia, por conta da irresponsabilidade de banqueiros e por conta da irresponsabilidade de alguns governantes que não fiscalizaram e não regulamentaram, de que o mundo pague a conta, sobretudo o povo mais pobre. O que nós precisamos nesse momento, eu vou repetir: restabelecer a confiança, restabelecer o crédito, restabelecer o consumo, que é a única possibilidade de restabelecer a produção, as exportações e importações.

**Jornalista:** Mudando... A América Latina. O Presidente falou que a política dos Estados Unidos deve mudar. Especificamente, como deve mudar?

**Presidente:** Aqui quem está falando é o reivindicador. Veja, eu acompanho muito a política do meu continente, e eu penso que não é possível que a gente não perceba que o mundo mudou. Depois da queda do Muro de Berlim, não existe mais nenhuma razão, sobretudo depois do fim da Guerra Fria, depois do fim das facções que pregavam a luta armada... Aqui na América Latina, com exceção das Farc, todos os grupos que praticaram luta armada na década de 70 estão chegando ao governo pela via democrática. Esse aqui é um continente que está muito fortalecido democraticamente. A eleição de Cristina Kirchner, de Michelle Bachelet, minha, do Tabaré, do Rafael, do Chávez, do Lugo e do Evo Morales, é uma coisa muito forte para a América Latina, muito





forte. E essas pessoas estão aprendendo que no exercício da democracia é que a gente pode construir o desenvolvimento do país que nós queremos governar.

Então, o que eu penso é que os Estados Unidos, se olharem para América Central, se olharem para a América Latina, vão perceber que existe um nicho extraordinário de oportunidade de melhorar, não apenas as políticas de investimento dos Estados Unidos, mas, sobretudo, melhorar a visão que a América Latina criou dos Estados Unidos, ao longo desse tempo. Ou seja, os Estados Unidos precisam ser mais parceiros da América Latina, mais amigo da América Latina. Por quê? Porque é exatamente aqui que pode se produzir parte das coisas que os Estados Unidos precisam. Se nós formos falar de biocombustíveis, não é substituir o milho para fazer biocombustível, porque a galinha come milho, mas é produzir de outras oleaginosas que os Estados Unidos não tenham e que pode ser produzido nos países que estão na periferia dos Estados Unidos, que muitas vezes têm na sua economia, [como] única base de desenvolvimento, a relação comercial com os Estados Unidos.

Eu penso, e isso também eu quero conversar com o presidente Obama, já conversei com o Bush em Camp David. Eu penso que é preciso ter um olhar para o futuro e não um olhar para o passado. Nós não podemos ficar fazendo política no século XXI sobre os fatos que aconteceram no século XX. Ou seja, é muito importante... Qual é a explicação humana do bloqueio a Cuba? Qual é a explicação humana, sociológica e política? Nenhuma. Antes se poderia dizer que era a questão eleitoral, ou seja, os eleitores de Miami têm um peso muito grande. Mas hoje, com a eleição do Obama, que ganhou as eleições lá, isso pode ser um gesto negociado entre governo cubano e governo americano. E somente uma pessoa que foi eleita com a liderança do Obama, é que tem poderes para isso.



Veja, em determinados momentos na política nós temos que gastar o nosso capital político por algumas atitudes que no início podem até não ser populares, mas nós temos que fazer isso.

**Jornalista:** Como pode...

**Presidente:** Deixe-me falar só um pouco da Venezuela. Veja a briga da Venezuela e dos Estados Unidos: os Estados Unidos precisam do petróleo da Venezuela, a Venezuela precisa vender petróleo para os Estados Unidos. A Venezuela tem muitas refinarias nos Estados Unidos e fica essa briga verbal, quando, na verdade... Eu disse em um discurso que fiz agora, na inauguração de um conjunto habitacional na Venezuela, que o Chávez teria que aproveitar essa oportunidade que os Estados Unidos têm um presidente novo, para restabelecer as boas relações com os Estados Unidos.

**Jornalista:** Como o Brasil pode ajudar nessa melhora das relações?

**Presidente:** Eu só posso ajudar falando bem do Chávez para o Obama e falando bem do Obama para o Chávez. Eu só posso ajudar dizendo aos dois que não existe possibilidade de ter uma divergência sem que se tenha uma conversa olho no olho, sem que [se sentem]. Não adianta o Franklin Martins me dizer que eu não posso dar entrevista para você porque você não é um cara legal. Eu tenho que me sentar com você, conversar com você e perceber o seguinte: você pode não ser legal para o Franklin, mas para mim você é. A mesma coisa com os Estados Unidos e Venezuela: há uma briga pela imprensa. Faz muitos anos que eles não conversam. Então, é uma briga verbal que tem que parar. E como é que vai parar? Alguém tomando a iniciativa.



**Jornalista:** A Venezuela não é o único problema para os Estados Unidos na América Latina. A gente não tem embaixador na Bolívia, no Equador a situação (incompreensível) melhores. O Brasil pode jogar um papel. O senhor pode me explicar qual o papel que o Brasil deve jogar para melhorar...

**Presidente:** Deixe-me dizer uma coisa: é muito difícil eu dizer a você qual é o papel que o Brasil joga, se os interlocutores não pedirem ao Brasil que jogue um papel. Toda essa briga com os Estados Unidos foi uma briga muito em decorrência de um presidente que já não está mais lá. Eu penso que o Obama, como está há dois meses no governo, menos de dois meses, eu acho que como é a maior nação do mundo, eu penso que ele precisava chamar essas pessoas para uma conversa. Veja, se eu fosse deixar de conversar com Evo Morales ou com o Lugo, pelo que eles falaram do Brasil, eu não falaria mais com eles. Entretanto, eu tenho que compreender o papel deles, saber da importância do Brasil, e tomar iniciativa política. Um embaixador americano... a crítica do Evo Morales, a crítica do Daniel Ortega é que os embaixadores se metem nas políticas internas. Eu vou dizer o que eu penso: se um embaixador brasileiro se meter na política de um país, será chamado de volta. O que ele pode é comunicar ao presidente da República o que está acontecendo no país, mas não pode dar palpite.

Então, se tem essa divergência, eu penso que o Obama tem grandeza suficiente, tem capital político suficiente para tomar a iniciativa. Eu acho que o mundo precisa de novos gestos. Eu vou dar um exemplo para você. Várias vezes eu fiz uma interlocução com o presidente Bush sobre a Bolívia, várias vezes. Sobretudo para comprar os produtos têxteis da Bolívia, o que é uma coisa pequena, 50 milhões. Quando o Congresso americano não aprova a compra dos produtos têxteis de US\$ 50 milhões, é um castigo desnecessário, é uma grandeza tão incomensurável dos Estados Unidos, na relação com a



Bolívia, que US\$ 50 milhões não fazem nenhuma falta, mas o gesto político é muito forte.

Da mesma forma com a Colômbia. Eu vou falar com o Obama também sobre a Colômbia. A Colômbia é um parceiro dos Estados Unidos, mas o TLC não foi aprovado no Congresso americano ainda. Eu estou falando do TLC, é contra os interesses do Brasil que a Colômbia faça o acordo do TLC. Mas eu acho que como a Colômbia tem 40% das suas exportações com os Estados Unidos, é importante que essas coisas sejam resolvidas logo...

**Jornalista:** Por que faria isso? Por que leva o “caso Colômbia” para discutir com o Obama?

**Presidente:** Porque eu acho que a Colômbia é um país democrático, que tem uma relação comercial muito forte com os Estados Unidos, e que não pode ser prejudicada de uma hora para outra.

**Jornalista:** Isso também implica assumir um papel de liderança, como interlocutor com os Estados Unidos, pela região.

**Presidente:** Não. Deixe-me falar uma coisa. Não existe líder regional, porque ninguém escolhe ninguém para ser líder. Eu falo com o Obama sobre esses companheiros porque conheço o drama dos companheiros, porque convivo com eles. E eu acho que os Estados Unidos têm dimensão suficiente para não olhar a América Latina como uma coisa do narcotráfico, uma coisa de luta armada. Têm que olhar a América Latina como um conjunto de países que querem crescer e ficar tão fortes quanto os Estados Unidos. Por exemplo, eu vou propor na Unasul, agora, a criação de um conselho de combate ao narcotráfico na América do Sul. É preciso também que os nossos países



assumam a responsabilidade de combater o narcotráfico e não ficar esperando que os Estados Unidos venham combater para nós. É um problema nosso.

Seria muito mais fácil se os Estados Unidos tomassem conta dos seus consumidores, que nós tomássemos conta dos plantadores de coca, eu acho que a gente teria muito mais sucesso em diminuir o tráfico de drogas. Agora, eu penso que como o Obama tem dois meses no governo, eu penso que o Obama tem um mundo pela frente para mudar na política com a América Latina, com os países que, porventura, tenha conflito. Eu torço para isso, quero dizer que o presidente Bush teve um comportamento na relação com o Brasil, eu diria, muito digno. Eu penso que, com o Obama, nós temos a chance de melhorar essa política para a América Latina, desde que ele não fortaleça o protecionismo americano.

**Jornalista:** Uma das muitas razões porque o Brasil está assumindo um papel maior nos assuntos internacionais e mundiais é uma expectativa de um aumento nas exportações de petróleo. Eu quero perguntar qual a sua visão sobre o desenvolvimento das reservas do pré-sal? E qual poderia ser o papel das empresas internacionais de petróleo ao ajudarem a explorar esses campos?

**Presidente:** A primeira coisa que eu queria dizer é que o Brasil conquistou um certo respeito internacional porque... Eu, sobretudo, aprendi na minha vida, que nenhum interlocutor respeita um interlocutor que não se respeita. Muita gente sempre teve uma relação com os países ricos de forma subordinada, quase como se estivesse pedindo favor para tudo. Eu aprendi na minha vida sindical que dois adversários podem se sentar em torno de uma mesa, divergirem, e saírem da mesa se respeitando. Dois chefes de Estado podem fazer a mesma coisa. Ou seja, eu tenho uma concepção de vida e uma concepção do papel do Estado, a Ângela Merkel tem outra, o Sarkozy tem outra, o Gordon Brown tem



outra, o Obama tem outra. Nós não precisamos concordar com tudo. O que nós precisamos é, sempre que nos sentarmos à mesa, respeitar a soberania de cada país, respeitar a autodeterminação de cada país e saber que o processo de negociação é um processo longo, é um processo que exige paciência, abertura. Você concede as coisas, você recebe as coisas, ou seja, é um processo.

E não é por causa do petróleo, porque, veja, o petróleo é muito recém-encontrado no Brasil. Nós vamos agora, no dia 1º de maio, começar a fazer a primeira exploração do pré-sal no poço de Tupi. Vamos começar uma fase experimental até conseguirmos tirar os 100 mil barris diários, 200 mil barris diários, 180 mil barris diários. Nós estamos trabalhando agora uma nova regulamentação da Lei do Petróleo. Nós não queremos excluir a parceria que temos construído com empresas internacionais que têm que participar. Mas não tem nenhum país do mundo que, ao encontrar muito petróleo, não [tenha feito] uma nova regulação, até para que parte desse petróleo seja utilizado para resolver os problemas crônicos do país.

Eu sonho com esse petróleo [resolvendo] dois problemas crônicos do Brasil: a educação e a pobreza do país. O Brasil não quer se transformar em um mero exportador de petróleo. O Brasil quer construir uma forte indústria petroquímica e o Brasil quer exportar derivados de petróleo. Por isso, já tomamos a decisão de fazer uma refinaria no Maranhão de 600 mil barris/dia, para produzir gasolina e óleo diesel *premium*, para poder exportar para os nossos parceiros do mundo inteiro.

Eu penso que nos próximos dias nós teremos uma discussão sobre a regulamentação, que já está quase totalmente pronta. Ela, certamente, não será diferente de muita regulamentação de países que encontraram muito petróleo. Eu tenho interesse em manter as parcerias com as empresas multinacionais que estão nos ajudando. Muitas já têm, inclusive, áreas na área do pré-sal.



**Jornalista:** Essas empresas internacionais vão poder participar das licitações para explorarem os novos campos?

**Presidente:** Assim que a gente terminar a regulamentação será dito na regulamentação como é que as empresas participarão conosco nisso. Eu penso que nós já estamos atrasados na discussão sobre a regulamentação. Já era para ter ficado pronta, mas por outras coisas – e pela própria crise – a gente fez outras reuniões, que não a reunião do pré-sal. Mas está chegando a hora de a gente terminar a regulamentação para que o mundo saiba o que o Brasil vai fazer com as novas reservas.

**Jornalista:** Eu quero te fazer uma pergunta sobre a economia interna, doméstica. A crise está desacelerando o crescimento do Brasil. O que vocês podem fazer agora para estimular o crescimento, em termos de baixar os juros ou baixar a meta do superávit primário para aumentar os gastos?

**Presidente:** Tem algumas coisas que são imprescindíveis e que não apenas o Brasil mas outros países terão que fazer também. Nós já tomamos várias medidas, sabemos da necessidade da redução de juros, sabemos da necessidade da redução do *spread* bancário. Mas uma coisa importante que nós estamos fazendo é aumentar a quantidade de obras públicas e aumentar os investimentos.

Nós tomamos a decisão de que as obras de infraestrutura, estradas, hidrelétricas – obras de construção civil – nós queremos contratá-las em dois turnos ou em três turnos, porque nós precisamos gerar mais empregos neste ano de 2009. Tomamos a medida e vamos anunciar, quando eu voltar de Nova Iorque, um programa de 1 milhão de casas populares no Brasil. Anunciamos em julho do ano passado um programa chamado Mais Alimentos, em que



estamos financiando 25 bilhões de reais para comprar máquinas agrícolas para agricultura familiar. Aumentamos os investimentos da Petrobras em gasodutos, no biodiesel, na pesquisa e prospecção de petróleo e na construção de refinarias, porque esse é um momento extraordinário de a gente apostar no investimento como forma de crescimento da economia. É esse o papel que o Estado tem que jogar.

Nós estamos com a receita caindo. A nossa receita caiu nesse primeiro trimestre. Ela está caindo, a nossa receita. Obviamente, a questão do superávit primário não é mais um tabu para nós, porque o Brasil já provou que é sério há muito tempo. Nós tínhamos um déficit público, um déficit de conta pública de 56%, e hoje estamos com um déficit de conta pública de 36%, é um dos mais baixos do mundo. Portanto, se for necessário, este país tem capacidade de se endividar para crescer.

E vamos fortalecer as políticas sociais. Nós vamos anunciar mais políticas sociais, porque eu acho que quando se coloca um pouco de dinheiro na mão dos pobres, eles viram consumidores e reanimam a economia. Essa é parte das coisas que estão acontecendo no Brasil.

**Jornalista:** O Brasil pode admitir uma redução significativa na taxa de juros?

**Presidente:** Eu não costumo dar palpite na taxa de juros. Eu prefiro que o Banco Central decida, em função de suas metodologias, a taxa de juros. Mas, certamente, ela tem que cair. Aliás, o Copom começa hoje.

**Jornalista:** Um caso de que se fala muito nos Estados Unidos, o caso da criança Sean Goldman, segundo o Departamento de Estado dos Estados Unidos é um caso claro que deve ser regulado pela Convenção de Haia. Qual é a opinião do Presidente?





**Franklin Martins:** É o caso daquele menino que tem nacionalidade americana e brasileira, que a mãe o trouxe para o Brasil, criou ele aqui. Ela morreu depois, de um parto. Eu lhe falei outro dia deste caso, está nas mãos da Justiça, no Brasil.

**Presidente:** Duas coisas. Eu tenho uma reunião amanhã à tarde com o Ministério das Relações Exteriores, porque eu temo que esse [seja] um assunto que a imprensa americana queira saber. E, ao mesmo tempo, estando na mão da Justiça do Brasil ou de qualquer outro país do mundo, não cabe ao presidente da República dizer o que deve acontecer e o que não deve acontecer. Se está na Justiça, vamos esperar o julgamento da Justiça, (incompreensível) a decisão. Mas amanhã eu terei uma conversa com o meu ministro das Relações Exteriores e depois do resultado da conversa o Franklin pode te passar por telefone, porque talvez esse seja um assunto abordado pelo próprio presidente Obama.

**Jornalista:** A Hillary Clinton levantou o caso com o Celso Amorim.

**Presidente:** Então, o Celso Amorim vai me contar o que ela conversou com ele.

**Jornalista:** Tenho outra pergunta: nós já falamos sobre o protecionismo e a regulamentação internacional dos sistemas financeiros. O Brasil respeita os padrões que vocês estão estipulando agora? Por exemplo, o Mercosul pode ser visto como uma união comercial bastante protecionista. A Argentina, parceira no Mercosul do Brasil, é um exemplo levantado no mundo afora como um exemplo de protecionismo. No caso da regulamentação internacional das finanças, o Brasil não tem um tratado de investimentos com qualquer país que eu conheça, não tem tratado sobre impostos. Em algum momento, esses



pequenos detalhes teriam que se coadunar com o grande discurso que o Brasil lança sobre a regulamentação internacional.

**Presidente:** Eu não vejo nenhum problema em que esses temas sejam discutidos no G-20. Aliás, poderiam ter sido discutidos na Rodada de Doha, que não foram discutidos. Mas não existe tema proibido para o Brasil discutir. Nós estamos convencidos de que o exercício da democracia, não apenas na política ou na área social, mas também na economia, é um exercício que pode fazer com que a gente encontre as soluções para os problemas que nós estamos fazendo (vivendo).

O Brasil saltou de US\$ 60 bilhões na balança comercial para US\$ 200 bilhões, o que é uma coisa muito significativa em seis anos, e nós poderemos ter uma balança comercial ainda maior. Ou seja, embora tenhamos crescido 20% com os Estados nesses anos todos que estamos trabalhando, o mercado potencial do Brasil para os Estados Unidos e dos Estados Unidos para o Brasil ainda é muito pequeno [pouco explorado]. A nossa balança comercial é pequena se a gente olhar o tamanho da economia dos dois países. Ou seja, nós exportamos US\$ 27 bilhões e importamos 25 bilhões e 630 [milhões], ou seja, um fluxo comercial de US\$ 53 bilhões. É muito pouco para o peso da economia do Brasil, para o peso da economia dos Estados Unidos e para a distância que nos separa. Eu tenho provocado os nossos empresários que é prudente e necessário que a gente seja mais arrojado na nossa política de comércio exterior. Eu sei que nesse momento de crise é sempre mais difícil porque todo mundo quer comprar mais do que vender.

Vamos pegar o caso da Argentina, por exemplo. No dia 20 de abril eu tenho um encontro com a presidenta Cristina aqui no Brasil, para discutir a questão Brasil e Argentina. Vai ser um encontro cultural e nós vamos discutir também a questão política. A relação comercial Brasil-Argentina é tão forte que qualquer retrocesso do Brasil ou da Argentina vai prejudicar a Argentina e o



Brasil. Por exemplo, os meus ministros da área econômica tomaram medidas protecionistas contra a Argentina e eu tomei a decisão de anular as medidas porque no fundo, no fundo, no fundo, eu tenho que ser exemplo. Se eu estou falando em livre comércio, porque acredito no livre comércio, eu não posso agora ficar criando obstáculos para que a gente exerça o livre comércio neste momento de crise profunda.

O meu apelo é para que os países que passaram 30 anos falando no livre comércio, gritando pelo livre comércio, não venham agora colocar o discurso totalmente ao contrário, ou seja, dizer que o protecionismo é a solução para a economia mundial, que não é. A política e as tarifas que nós cobramos uns dos outros, possivelmente o Brasil seja o mais prejudicado, porque os Estados Unidos, se tirarem as taxas que cobram sobre o etanol brasileiro, nós teríamos possibilidade de fazer um aumento de exportação para os Estados Unidos. O nosso açúcar, muitas vezes, é sobretaxado nos mercados internacionais. Veja, o petróleo, que é poluente, não é taxado, e o etanol é taxado. Ou seja, tem tarifas para o etanol que não tem para o petróleo. Quando o mundo está falando na questão do clima, quando o mundo está falando na camada de ozônio, quando o mundo está falando em preservar o Planeta, nós temos um combustível poluente que não incide nenhuma tarifa sobre ele, e tem o etanol, um combustível limpo, que incide tarifa sobre ele. Essa é uma discussão que o Brasil tem disposição de fazer nas reuniões bilaterais, na OMC.

**Jornalista:** Falando nas tarifas, altos níveis de tarifas sobre as importações. A carreira do senhor já fez muito a favor das pessoas com poucos recursos. Mas quando eu olho para a economia do Brasil, eu vejo muitos produtos básicos - microondas, lava-louças, telefone - que são incrivelmente caros. Afinal de contas, essa estrutura de economia prejudica os pobres.



**Presidente:** Certamente, se forem comparados os produtos brasileiros aos produtos chineses e aos produtos americanos, nós temos muitos produtos caros. Agora, para as necessidades do Brasil, eu acho que os preços podem baratear, na medida em que o governo dê sequência à desoneração de impostos em muitos produtos. Nós já fizemos, no meu governo, mais de R\$ 100 bilhões de desoneração, não é pouca coisa.

Agora, também cada país tem uma estrutura econômica, que não pode ser desmontada de um dia para outro. Eu conheço país que tem uma carga tributária pequena, mas que não tem nenhuma política social, porque o Estado não tem dinheiro para fazer política social. E se o Estado não fizer políticas sociais, elas inexistem.

De vez em quando, eu acho absurdo o preço de alguns... por exemplo, de um computador aqui no Brasil, comparado a um computador nos Estados Unidos. Eu acho absurdo, mas essa é a estrutura real que nós temos agora e ela vai ter que ir mudando à medida que a gente vá, primeiro, crescendo a economia; segundo, crescendo o número de consumidores; terceiro, que a gente vá criando as condições de ter novos produtos para a gente poder reduzir impostos e vender esses produtos mais baratos. Essa é a lógica. Uma televisão plasma, quando chegou ao Brasil era uma fortuna, hoje, ela já está sendo vendida bem mais barato, bem mais barato. Para mim, quanto mais barato a gente vender, melhor para o povo brasileiro, quanto mais barato, porque eu sou daqueles que acham que o povo tem que ter acesso a tudo a que ele tem direito de ter acesso. Não é uma coisa fácil de fazer, é mais fácil de falar, leva um certo tempo para a gente conseguir isso, mas eu acho que nós já avançamos muito. Eu me lembro que quando nós criamos o programa... computador, para vender computador para os pobres. Levamos um ano discutindo como vender um computador mais barato para os pobres, até que nós conseguimos vender computador a R\$ 50 a prestação, ou seja, US\$ 25,



mais ou menos, a prestação. [E] cresceu de forma extraordinária o mercado de computadores.

Eu penso que as coisas sociais que nós estamos fazendo é que vão permitir também que o preço dos produtos caiam. Eu vou dar um exemplo: nós vamos chegar a 2010 com mais de 60 mil escolas públicas com internet banda larga. Se vai chegar internet banda larga nas escolas, vai chegar internet nos municípios. Conseqüentemente, as pessoas vão ter muito mais disposição de comprar um computador. Nós estamos espraçando universidades pelo Brasil inteiro. São 95 extensões universitárias, 14 universidades federais novas e 214 escolas técnicas profissionais. Tudo isso significa que está se criando uma camada de possibilidades nas cidades do interior do País que vai ajudar com que aumente o consumo. E aumentando o consumo, que também diminua o preço dos produtos praticados aqui no Brasil.

Certamente, o Brasil ainda tem muito a fazer, e eu tenho consciência de que tudo o que nós fizemos é pouco diante das necessidades e do atraso que o povo brasileiro viveu ao longo de décadas, décadas e décadas. Este país, há 20 anos, tinha reserva na área de informática, ou seja, não se podia comprar computador de fora, tinha que se produzir aqui dentro. Eu acho que o Brasil se abriu muito e quanto mais a gente se abrir, respeitando todas as normas da OMC... Não é preciso fazer nada em contrário às normas da OMC, ela permite que se cobre taxa de 0% a 35%. Dentro dessa mobilidade garantida pela OMC, pode-se estabelecer taxas de tarifas por todo o mundo, e aí os produtos poderão chegar mais baratos.

O que eu acho, na verdade... Você está na hora, não é? É porque eu estou com o Presidente do Uruguai aí. O que eu acho, na verdade, é que quando caiu o Muro de Berlim, eu dizia que graças a Deus tinha caído o Muro de Berlim porque ia permitir que a esquerda voltasse a pensar novamente, voltasse a criar. Agora, com esse tombo que a economia teve, sobretudo o setor financeiro, eu acho que a hora não é de a gente ficar reclamando, não é



[hora] de a gente ficar chorando. É [hora] de a gente fazer as coisas que precisam ser feitas, criar novos parâmetros, novos paradigmas nas relações comerciais, na política de desenvolvimento, no controle do sistema financeiro. Eu acho que é assim que a gente pode apresentar, para quem vier depois de nós, uma nova etapa da vida econômica mundial.

**Jornalista:** Essa crise tem oportunidades.

**Presidente:** Eu acho que a crise é uma oportunidade. É como se fosse uma tempestade que limpou. Agora nós temos que olhar, não ficar lamentando, saber que teve prejuízo para todo mundo e que agora nós temos que reconstruir com bases mais sólidas e com bases novas. O que eu acho é que os dirigentes políticos precisam assumir o papel de dirigente político.

O povo brasileiro, quando votou em mim para presidente, votou com a confiança de que eu iria tomar as decisões para melhorar a vida dele. O povo americano, que votou no Obama, votou imaginando que ele ia tomar as decisões para melhorar a vida dele. O povo que votou na Angela Merkel a mesma coisa, o povo que votou no Sarkozy a mesma coisa, o povo que votou na Cristina Kirchner, a mesma coisa. Então, nós precisamos exercer o nosso papel e não ter medo de exercê-lo. Nos foi dado um mandato para fazer as coisas que precisam ser feitas. “Ah, vamos errar...” Muitas vezes, eu prefiro que a gente seja criticado porque errou tentando fazer, do que a omissão de um dirigente político. A omissão é a pior coisa que pode acontecer na vida de um político. Da mesma forma que nós somos endeusados no dia da eleição, nós somos crucificados se não fizermos as coisas que temos que fazer. E a hora é a hora de os dirigentes políticos dizerem para o que vieram, porque quando nós somos oposição nós sabemos tudo. Nas campanhas políticas nós sabemos tudo, está tudo fácil, todas as respostas estão ali. Agora, entre a gente disputar as eleições e a gente fazer as coisas concretas... Teoricamente,



todo mundo sabe que o peso do corpo é mais leve do que a água, e se a gente souber controlar, a gente não morreria afogado. O que a gente não conta é com a capacidade de treinamento de saber respirar na hora certa, não ficar nervoso, não bater os braços, não beber água porque, senão, a gente morre afogado.

Então, eu penso que o exercício do governo é bom por isso, porque é a hora de colocar em prática aquilo que você materializou a vida inteira. Eu tive a minha oportunidade, o Obama está tendo a oportunidade dele, e tantos outros, e eu acho que nós temos que fazer acontecer.

Eu acho que essa crise vai ser benéfica para o mundo. O mundo será menos falso, o mundo será menos virtual a partir dessa crise, o mundo será mais real. A economia que vale é aquela que produz um grão de milho, um grão de arroz, um parafuso, um carro, um terno, um relógio, e não aquela economia em que tem 20 ganhando sobre o mesmo papel: eu passo um papel para você, você ganha um pouco; você passa para ele, ele ganha um pouco, ganha um pouco; todo mundo ganha e esse papel não vale nada. Isso desmoronou, graças a Deus.

**Jornalista:** E como vai afetar o Brasil? Posso perguntar, depois (incompreensível).

**Presidente:** Certamente, vai afetar o Brasil. Certamente, vai afetar em dois momentos: primeiro, as exportações. Acho que há uma retração normal de as pessoas comprarem apenas aquilo que é necessário. Haverá uma retração no comércio, sobretudo porque não apenas países ricos como os Estados Unidos, mas a China também foi afetada pela crise. Então, isso vai afetar todos os países. Ninguém é, hoje, o que era um ano atrás. Agora, uns sofrerão menos do que os outros. No Brasil nós não teremos recessão, isso já é um ganho importante. Eu estou convencido de que nós vamos ter um trimestre muito



difícil. Estou achando que a gente ainda vai ter um segundo semestre mais difícil do que tivemos no ano passado, que foi um ano excepcional. Mas estou convencido de que, com todas as políticas que estamos colocando em prática, nós vamos sair dessa primeiro que os outros países. Entramos por último e sairemos primeiro. Obviamente que eu torço para que todo mundo saia bem. Eu digo todo dia, nos meus comícios, que eu rezo para o Obama mais do que rezo para mim. Por quê? Porque eu sei a expectativa criada com as eleições dele, eu sei o que significa um negro ser eleito presidente dos Estados Unidos, e ele pega uma crise dessas logo de cara. Então eu fico torcendo, porque se os Estados Unidos se estabilizarem, pelo menos, já é uma coisa excepcional.

**Jornalista:** O senhor acha que isso vai acontecer até o final do ano?

**Presidente:** Eu estou torcendo.

(\$31DHJMP)